

Idalécio Cação

ou a linguagem como matéria ficcional

Idalécio Cação é hoje um professor universitário reformado que espera recuperar pela escrita de ficção os "projectos" que foram adiados numa vida bem difícil para poder alcançar o que sempre sonhou: viveu até muito tarde na aldeia natal de Alhadas, próximo da Figueira da Foz e como trabalhador-estudante pôde mais tarde frequentar o curso de Filologia Românica na Universidade de Coimbra. Ensinou em várias escolas preparatórias até se tornar docente da cadeira de Didáctica do Português na Universidade de Aveiro. No plano da intervenção cultural, esteve ligado nos anos 60 ao Círculo de Teatro de Aveiro e colaborou em diversos jornais e revistas, tendo publicado alguns livros com interesse no domínio da poesia, da crónica e do conto, em que podemos destacar *As Evidências e o Prisma* (1963), *Raízes na Areia* (1968) ou *Daqui Ouve-se o Mar*, que obteve em 1990 o "Prémio Literário Miguel Torga", mas acaba de publicar mais um livro de contos *O Chão e a Voz*, em que retoma o mesmo sentido de denúncia dos problemas da sua região ou relembra os tempos de infância passados na sua Gândara figueirense.

Perante a leitura de um livro sempre nos ocorre que o essencial da vida dado através da arte (literária ou outra) é talvez ainda o padrão para aferir as nossas capacidades imaginativa, psicológica, intelectual e artística, sujeitas ao nosso próprio domínio ou a um conjunto de valores que, numa cadeia infinda de razões ou pretextos, se entrecruzam nesse magma pelo qual cada escritor (ou artista) sabe personificar a vida por intermédio da sua pessoal expressão literária (ou outra). Não há razão ou inspiração que justifique o modo de se escrever desta ou daquela forma, porque tudo resulta da verdade essencial ou "modo de dizer" o que pela emoção se impõe à inteligência, ou seja, o desejo de construir por fora a imagem real do que é vivo e sentido por dentro, do que se conhece e pressente na expressividade seguida ou no ritmo escolhido para fixar, denunciar ou evidenciar uma certa "realidade".

Nos vários contos de *O Chão e a Voz* ressalta uma vez mais o sentido e o rigor literário, muitas vezes levado a extremos linguísticos ou expressivos, que Idalécio Cação coloca na estrutura ficcional das suas histórias, todas elas em redor da realidade social e humana de uma Gândara rural e provinciana, nos quadros, falas e pretextos que as atravessa profunda e conscientemente. Mas também sabe pôr em evidência esse "modo de dizer" que é único e singular por se cruzar nas veredas de uma intenção ou expressividade que, descendo aos caminhos da infância ou adolescência, traz à superfície os sonhos e desesperos de figuras humanas que ficam na nossa lembrança, não por se erguerem como personagens pouco ficcionais, de carne e osso, mas sobretudo por preencherem esse quadro de uma experiência gandraesa sem limites, "finisterra" talvez de outros povoamentos humanos e geográficos.

Se existem por aí "falcatruéis" que tentam empurrar a literatura para uma situação de crise, propalando um certo desentendimento ou exagerando no esforço que fazem para enaltecer tão-só o que muitas vezes não tem valor nem importância, a verdade é que a prosa ficcional de Idalécio Cação deveria merecer uma demorada atenção pelas renovadas "pistas" ou valorização da linguagem como matéria de ficção literária, tal como aconteceu em *Daqui Ouve-se o Mar* e de novo se redescobre em *O Chão e a Voz*, enriquecido com um bem elaborado glossário que melhor consente o entendimento de algumas expressões ou vocábulos utilizados na região gandraesa. Mas se a arte é ainda essa forma superior de um homem falar aos outros homens, o acto de povoar a sua solidão ou ser arauto de outras verdades e razões, podemos reafirmar que livros como este de Idalécio Cação melhor nos fazem compreender como a literatura, na viragem do século, se pode ainda assumir como "comprometida" na medida em que o escritor souber posicionar-se diante dos problemas da vida e do mundo que conhece.

Por isso, os contos deste *O Chão e a Voz* provam e comprovam que se podem escrever livros de qualidade sem pedir licença à crítica (ou a certos "críticos") para se existir. Os equívocos e a valorização de que hoje se cobre uma certa faixa da nossa ficção literária ou poética (que, apesar de ser mais "mediática", nem por isso significa que seja de grande qualidade expressiva) servem para assim se entender que, mesmo longe dos circuitos em que se forjam essas ocasionais cotações, existe uma outra literatura que se impõe e apresenta obras de indelével qualidade.

Por último, dizemos que a leitura destas histórias, em que se pressente um pulsar comovido e de novo imaginado da própria infância, como Idalécio Cação já nos dera em *Daqui Ouve-se o Mar*, permite descobrir, no próprio acto da sua escrita ficcional, alguns belíssimos achados e expressões agora recuperadas que, no delicado saber manejar da nossa língua, tece e entretece outros modelos ou padrões literários que podem contribuir para a renovação expressiva do moderno conto português. E deste modo confirmamos como o conto na sua expressão ficcional não perdeu, como na prosa segura e rigorosa de Idalécio Cação se pode observar, esse fascínio de ser ainda uma referência estética no plano da criação, na sombra e lembrança de quem soube cultivar este género ou erguê-lo a um plano de excepcional qualidade e estruturação literária, como João de Araújo Correia, José Marmelo e Silva, Rodrigues Miguéis, Vergílio Ferreira ou Mário Cláudio.

Serafim Ferreira

Crítico literário

Idalécio Cação
O Chão e a Voz, contos.
Ed. Escritor / Lisboa, 1998.